Edições de Gregório de Mattos

Silvia La Regina*
(UdA)

Para Luciana Stegagno Picchio, in memoriam

Com este trabalho, pretende-se abrir uma reflexão sobre as edições atuais ou possíveis da obra atribuída a Gregório de Mattos, numa perspectiva que abrigue a pluralidade de documentos existentes e a variedade dos códices disponíveis.

O interesse - filológico e não - pelas obras atribuídas a Gregório de Mattos parece não parar de crescer. O coquetel constituído pela dificuldade de atribuição, pela fartura de textos sob o nome do poeta baiano, pela biografia (ainda que fantasiosa) romanticamente desenfreada e finalmente pelas próprias diversidade e conflitualidade de opiniões críticas a respeito do autor, torna Gregório um dos escritores mais simbolicamente brasileiros e por isso também capaz de suscitar interesse cada vez mais vivo. Em sua obra foram lidos nativismo, antiescravagismo, empáfia portuguesa, rebeldia, submissão, lirismo amoroso, paixão carnal, religiosidade, blasfêmia, humor afiado, bajulações tediosas, todos aspectos presentes (com a exclusão dos dois primeiros) com muitos outros, a caracterizar um autor que em si catalisa não somente o seu tempo e dele vários gêneros literários, várias problemáticas históricas, mas também, o que talvez seja mais interessante para nós, um resumo completo e detalhado da crítica brasileira, de sua reflexão sobre as origens da literatura brasileira, aliás sobre a literatura brasileira em si e sua identidade, suas identidades.

A pluralidade identitária das obras gregorianas reflete-se também nos códices que abrigam suas obras: muito numerosos, ricos em composições, copiados em épocas diferentes e, possivelmente, em lugares diferentes, e hoje guardados em bibliotecas brasileiras, portuguesas e norte-americanas (e pode haver outros em outras cidades e nações)[1]. Numa comunicação seria impossível analisar detalhadamente tanto os códices como as edições

---

* Silvia La Regina, formada em letras pela Università di Roma La Sapienza, tem doutorado pela Università di Palermo e pela UFBA. Foi professora do Instituto de Letras da UFBA de 2002 a 2008 e atualmente leciona literaturas portuguesa e brasileira na Facoltà di Lingue e Letterature Straniere da Università Gabriele d'Annunzio (UdA) di Chieti-Pescara, na Itália.

[1] Para um repertório detalhado dos códices gregorianos ver TOPA, 2001 e, mais resumidamente, LA REGINA, 2000. Hoje são conhecidos 25 códices do século XVIII em 39 volumes, dois do século XIX e uma cópia do século XX, além de numerosos códices de tipo cancioneiro.

existentes: lembro aqui, portanto, que entre os numerosos estudiosos que têm trabalhado nestes últimos anos sobre o assunto devem ser lembrados José Pereira (1997), Diléa Zanotto Manfio, Francisco Topa, Fernando da Rocha Peres.

Nesta altura dos estudos, parece-me bastante ilusória a expectativa de identificar uma genealogia precisa dos códices gregorianos, por causa não só da incomum quantidade de testemunhos, além do mais de grandes dimensões, mas principalmente das características anômalas da transmissão textual manuscrita nos séculos XVII e XVIII (cf. BLECUA, 1983, p.169-216 e 217-232) e sobretudo do processo de *mouvance,* ou movência, o quase frenético movimento dos textos que aconteceu em várias etapas (cf. sobre este assunto LA REGINA 1999 e 2000, p.35): a da redação, na qual o escritor lança mão, intencionalmente ou não, de um repertório poético comum, a da re-elaboração pelo autor de textos já compostos, por vezes para reutilizá-los em outra ocasião (a este respeito, Luciana Stegagno Picchio escreveu que Camões foi um autor "scatenatore di entropia testuale per le sue stesse poesie", 1997, p.441) e sucessivamente a da transmissão, na qual os copistas atuaram escolhendo livremente uma entre as numerosas variantes, ou antes variações existentes. Variação no sentido musical: este termo, utilizado por Zumthor (1981, p.12) privilegia uma dimensão por assim dizer democrática da pluralidade de lições, sem caracterizar pedagogicamente umas como certas e outras como erros, mas, pelo contrário, compreendendo e respeitando a pluralidade de vozes que, se constitui uma dificuldade, não impede a percepção e a recepção do texto e dos textos, mas torna-se uma de suas riquezas e qualidades, característica marcante de uma época e um lugar em que a voz e a memória compõem grandes afrescos, ou melhor sinfonias, que seria redutivo e autoritário constranger num único tom, numa única cor.

Enfim, a própria forma de redação, a circulação oral, as variações de autor (um texto feito para ser declamado é passível de infinitas alterações, sem mencionar o fato de que pode ser coligido no ato da declamação por diferentes ouvintes, que sucessivamente o reproduzirão de diversos modos), a circularidade do produto poético, a sucessiva justaposição de diferentes folhetos e dos "livros de mão", ou *cartapacios* para uso pessoal, como os chama Blecua (1983, p.202), determinam uma situação textual na qual cada códice termina sendo exemplar único, composto quase que por colagem de diferentes fragmentos autônomos, numa alteridade de famílias em que o original é, mais do que nunca, mera abstração – enfim, pode-se falar em "mestiçagem textual".

Parece portanto uma atitude mais razoável, ao invés de adotar a metodologia lachmanniana, ou, italianamente, neo-lachmanniana, pensar em edições que respeitem a pluralidade de vozes dos códices e, sem deixar de corrigir eventuais erros mecânicos

(omissões, repetições involuntárias, *saut du même au même*, por exemplo) aceitar a diversidade e publicar os códices assim como nos foram legados[2]. Discordo, então, da opinião de Maas (1980, p.25-26), para o qual o único método filologicamente aceitável é o de Lachmann: eu também, como ele, não acredito que deva ser procurado um *codex optimus*, mas - e aí me distancio - acho que deva se explorar a riqueza dos *codices plurimi*. Neste aspecto, ainda que passado algum tempo, continuo considerando válida, sem deixar de ser emendável em vários aspectos, a proposta de edição exemplificada com a publicação do códice RBM (PERES, LA REGINA, 2000), num projeto que terá seguimento com a próxima edição do ainda inédito MC.

Ao longo dos muitos anos em que morei na Bahia, tenho tido uma profícua colaboração com Fernando da Rocha Peres, juntamente com o qual publiquei o códice RBM citado acima. Num desdobramento daquela pesquisa, foi estudado o códice ao qual resolvemos dar o nome de MC, manuscrito ainda inédito e de próxima publicação, que apresenta características bastante interessantes por uma série de motivos, que detalharei a seguir.

O códice MC foi adquirido por uma bibliófila numa livraria antiquaria do Rio de Janeiro em 1995; trata-se de um volume encadernado, cujas 456 páginas medem cm.14,5 x 20,2. A grafia é extremamente clara e uniforme. O códice é atribuído ao poeta, datado e foi copiado na Bahia: na folha de rosto encontramos escrito "As Obras Poeticas do Dor Gregorio de Mattos Guerra" e em baixo "Bahia anno de 1775". Ambos os fatos são relevantes, se considerarmos que, por exemplo, em lugar algum do códice RBM os poemas são identificados como sendo de Gregório, por um lado; e pelo outro, que este é o único códice declaradamente copiado na Bahia. Temos alguns casos de códices datados (por exemplo aquele que hoje está na Library of Congress de Washington, datado de 1711) mas nenhum expressamente copiado no Brasil.

MC é o primeiro volume de um conjunto de quatro: os outros três são o BNRJ50,61, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e TT-NVII/10 e TT-NVII/11, da Torre do Tombo, em Lisboa. Para a descrição pormenorizada de BNRJ50,61 e dos TT-NVII/10 e TT-NVII/11, remeto ao trabalho de Topa; a ligação entre os quatro volumes é inédita e, acredito, trará novas informações e novos enfoques sobre a ecdótica gregoriana. Sabemos que as coletâneas de poemas gregorianos possivelmente completas, ou visando ser, eram em quatro volumes; esta foi uma observação de Ferdinand Wolf (1955 - mas a primeira edição é de 1863 - p.37)

[2] Louvável portanto a iniciativa de José Pereira, que iniciou a publicação dos códices da UFRJ.

que o estudo dos testemunhos preservados torna plausível. Dispomos de dois exemplos completos e um recentemente desmembrado destas coletâneas:

- O códice **L 15-2** da Biblioteca do Itamaraty, no Rio de Janeiro. São quatro volumes que incluem a *Vida* de Rabelo e o texto poético numa grafia clara e correta, e a matéria dividida por gêneros de forma ordenada. Varnhagen usou este códice para o seu *Florilégio* e Afrânio Peixoto consultou-o para a edição da Academia Brasileira de Letras.
- O grupo formado por **MC**, **BNRJ50,61**, **TT45** e **TT46**. Como nos demais códices, neste também – cujos volumes, espalhados aquém e além do Atlântico, têm a característica de serem os únicos copiados na Bahia que tenham chegado até nós – a *Vida* antecede o texto poético. Este códice, o único completo que seja datado, é de 1775.
- O códice **AC** - Asencio-Cunha - transcrito por James Amado em sua edição (1968). O manuscrito tem uma divisão em gêneros menos rigorosa do que **L 15-2**; ele também começa com a *Vida* de Rabelo. Recentemente um dos quatro volumes foi extraviado; de qualquer forma, podemos reconstruir os poemas que ele continha.

Interessante portanto observar que as três coletâneas, não só a que leva a data de 1775, são posteriores a 1740, pois todas contêm a *Vida* de Rabelo (sobre este pequeno texto biográfico, cf. LA REGINA, 2006) na qual é citado justamente este ano.

A disposição da matéria não é a mesma nos três códices, o que só pode ser explicado com uma ou mais intervenções sucessivas à primeira organização dos textos. Estas intervenções devem ter acontecido num lapso de tempo relativamente curto, entre 1740 e 1775, data na qual foi redigido o grupo que começa com MC. De toda forma há grandes semelhanças entre a organização de BNRJ50,61 e L 15-2, mas há divergências no texto da *Vida*, o que torna difícil acreditar que ambos sejam *codices descripti*, cópias sem variantes do mesmo códice. A principal diferença entre estas três coletâneas é a colocação da lírica sacra, que em **L 15-2** e no Asencio-Cunha está no primeiro volume – prática por outro lado comum em outros códices, a exemplo do BNRJ50,56, da Biblioteca Nacional do Rio: começar os códices com o gênero e a forma considerados mais nobres, a lírica sacra e o soneto – enquanto no grupo **MC-BNRJ50,61** encontra-se neste último, que é o segundo volume da coletânea. De qualquer forma devemos lembrar o título que aparece na folha de rosto do códice **L 15-2**: “[...] depois apurada melhor por outro curiozo Engenho”.

Voltando ao códice MC, na folha de rosto foram coladas duas pequenas gravuras, os detalhes sobre as quais poderão ser lidos no volume a ser publicado; depois da primeira aparece

E neste com a vida do Poeta escripta
por Manoel Pereira Rabelo

e debaixo disto, outra gravura e depois, como foi dito,

Bahia anno de 1775

No verso da página mais uma gravura. As três pequenas gravuras foram coladas por cima de algumas linhas de texto, infelizmente, ao momento, ilegíveis até lançando mão das mais rebuscadas tecnologias; é intuível, porém, que esta operação cobriu a indicação de que o volume é um de quatro, para que o mesmo adquirisse mais valor comercial. Veja-se a folha de rosto, por exemplo, de BNRJ50,61: "As obras poéticas do Dor Gregorio de Mattos Guerra divididas em 4 tomos Em que se contem as obras sacras, jocoserias, e satiricas, que a brevidade não permittio separar. Tomo 2º Bahia anno de 1775".

O texto começa na página seguinte, com 62 páginas não numeradas da *Vida* de Rabelo. Sem deixar páginas em branco, logo em seguida começa o texto poético, com 388 páginas numeradas e 6 de índices.

Possivelmente Vale Cabral (1881, 1882) tenha consultado MC para sua edição das obras gregorianas: ele possuía o manuscrito da Nacional do Rio BNRJ 50,57, e este, copiado no século XIX (por Vale Cabral?) apresenta extraordinárias semelhanças com MC. A versão da Vida de Rabelo é idêntica, diferindo, pelo contrário, das demais (cf. LA REGINA, 2006) e os 127 poemas que aparecem em MC estão todos em BNRJ50,57 também, na mesma ordem exata, com a exceção de nove, no final de MC, que não comparecem em BNRJ50,57. Podemos portanto acreditar que BNRJ50,57 seja um *codex descriptus* de MC.

As características gráficas e ortográficas de MC são as costumeiras para um manuscrito daquela época. As características gráficas principais são:

- o *h* tem a aparência de um épsilon (**ε**)
- *ss* normalmente é representado com **ʃs**
- os sinais diacríticos são usados de forma muito variada: o acento circunflexo pode indicar a crase ou qualquer acento, e algumas raras vezes é usado no lugar do til; o acento agudo pode indicar também a crase; às vezes no lugar do til é usado um apóstrofo.
- A pontuação é variada e usada de forma relativamente parecida com o uso moderno.

As características ortográficas:

- O uso de consoantes dobradas é relativamente comum, mas não excessivo. Pode-se observar a duplicação, além de **r** e **s** (eles também de forma notavelmente casual) de todas

as demais consoantes, com as únicas exceções de **d**, **g**, **q**, **v**. Estes fenômenos não são regulares e normalmente não obedecem a preocupações etimológicas.

- As vogais e os ditongos nasais estão representados de forma muito diferente da atual, e com uma certa inversão:

 - freqüentemente -*ão* atual é representado -**am**
 - -*am* por sua vez é grafado -**ão**
 - o ditongo *ão* é reproduzido como **aõ**
 - normalmente as terminações -*ães* e -*ões* estão reproduzidas abrindo o til em **n**:
-**aens**, -**aenz**; -**oens**, -**oenz**.

- O ditongo *eu* é muito freqüentemente **eo** (nunca, porém, quando se trata do pronome de primeira pessoa).
- No lugar do prefixo *en* muitas vezes encontra-se **em**: **emsaboar**.
- A terminação -*is* do português atual (do plural de -*al*) aqui está grafada **-es** (es. “animaes”).
- O uso de **c**, **ç**, **ch**, **s**, **z** é muito diferente do atual e apresenta numerosas oscilações, até mesmo dentro do mesmo texto ou da mesma página.
- A terceira pessoa singular do presente indicativo do verbo *ser* sempre está precedida por **h** e por vezes aparece acentuada: **he**, **hé**, **hê**.
- Os artigos e numerais *um*, *uma* sempre estão precedidos por **h**: **hum**, **huma**, **huns**, **humas**.
- Por vezes pode-se observar metátese nos prefixos per-, por- **pregunta**.
- As vogais átonas pré-tônicas *e*, *o* às vezes aparecem grafadas como respectivamente **i**, **u**. Es: **difiniçam**.
- **y** aparece freqüentemente no lugar de *i*: **Vieyra**.
- freqüentemente há troca entre **x** e **ch**: **caximbo**.

Enfim, a obra atribuída a Gregório de Mattos ainda reserva muitas surpresas. Para nós, editores, fica a tarefa de preservar não só os textos, como também os manuscritos, testemunhos da época, sua corporeidade material e sua especificidade local: graças às mãos dos copistas, podemos ler a história da literatura e da cultura brasileira, e os textos que eles quiseram nos legar.

REFERÊNCIAS

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.
CABRAL, Alfredo do Vale. Introdução. *Obras Poéticas de Gregório de Matos.* Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882. p.V-LIII.
LA REGINA, Silvia. Matos e la mouvance. *Merope* XI, 27, giugno 1999, Pescara, Itália. p.139-146.
LA REGINA. Os códices de Gregório de Mattos. In PERES, LA REGINA, Um códice.... 2000. p.33-53.
LA REGINA. Manuel Pereira Rabelo, autor de A Vida do Doutor Gregório de Mattos: um fantasma da literatura brasileira. *Estudos Linguísticos e Literários* 33/34, jan/dez de 2006, p.169-198.
MAAS, Paul. *Critica del testo*. Tradução de Nello Martinelli. Firenze: Le Monnier, 1980.
MANFIO, Diléa Zanotto. Manuscritos de Gregório de Mattos no Exterior. In Fernando da Rocha Peres (org). *Gregório de Mattos: o poeta renasce a cada ano*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos, 2000. Págs. 35-44.
MATTOS, Gregório de. *Obras Poéticas*, precedidas pela vida do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Ed. Alfredo Vale CABRAL. vol.I - *Sátiras*. Rio de Janeiro: Tip.Nacional, 1882.
MATOS, Gregório de. *Obras de Gregório de Matos.* dir. de Afrânio Peixoto. 6 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1923-1933 (Sacra, I, 1929; Lírica, II, 1923; Graciosa, III, 1930; Satírica, IV e V, 1930; Ultima, VI, 1933) (ABL).
Obras completas de Gregório de Matos. Crônica do viver baiano seiscentista. ed.James Amado. 7 voll. Salvador, Janaína, 1968, reeditado como Gregório de Matos, *Obra Poética.* Ed James Amado. Notas de E. Araújo. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1990 (JA).
MATOS. *Poesias*. Edição diplomática organizada por José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: UERJ/DIGRAF, 1997 (códice da BNRJ 50,66).
PERES, Fernando. Gregório de Mattos: os códices em Portugal. *Revista Brasileira de Cultura*, 9, 1971, p. 105-114.
PERES, Fernando, LA REGINA, Silvia. *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*. Salvador: Edufba, 2000.
REBELLO, Manuel Pereira. *Vida do dr. Gregório de Matos Guerra*. Ed. Valle Cabral. Rio de Janeiro: Tip. Nacional, 1881. 37 páginas.
STEGAGNO PICCHIO. Camões/Petrarca: studio di varianti, in *Petrarca, Verona e l'Europa, Studi sul Petrarca* – 26, Padova: Antenore, 1997. pp.435-456.
TOPA, Francisco. *O mapa do labirinto*. Inventário testemunhal da poesia atribuída a Gregório de Mattos. 2 vols. Rio de Janeiro: Imago/Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 2001.
VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira* ou colleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil. 3 vols. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1987 (I ed. Lisboa, Imprensa Nacional 1850-1853). I, p.95-176.
WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. São Paulo, 1955 (tradução da edição francesa de 1863).
ZUMTHOR, Paul. Intertextualité et mouvance. *Littérature*, 41, fév. 1981, p.8-16.